

AÇÃO GRIÔ NACIONAL: A TRADIÇÃO ORAL NA EDUCAÇÃO FORMAL

Vivian Maitê CASTRO. Estudante de Turismo- UFPB vivianmaite@gmail.com; Wanessa ALEXANDRE. Estudante de Geografia -UFPB wanessaalexandre@yahoo.com.br; Saullo Farias VASCONCELOS. Produtor Cultural - Ação Griô -saullofarias@yahoo.com.br; Lígia M. Tavares da SILVA (orientadora) Geografia - UFPB ligiamts@hotmail.com

Resumo

Os parâmetros curriculares educacionais no Brasil seguem modelos internacionais que privilegiam conhecimentos científicos em detrimento das tradições culturais, principalmente indígenas e africanas, que permeiam a construção da identidade brasileira. Muitos saberes e fazeres de tradição oral se perdem ao longo do tempo com a falta de transmissão e valorização destes no espaço educacional.

Fruto de um projeto sócio-educacional e cultural desenvolvido pela Organização não governamental Grãos de Luz e Griô, localizada na Bahia, a Ação Griô Nacional tornou-se parte do Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura. O projeto propõe a união entre os saberes de tradição oral, dialogando com a educação formal, numa grande Roda da Vida e das Idades, onde todos aprendem brincando e cantando as tradições culturais que permeiam a formação miscigenada do povo brasileiro.

Entendendo o meio ambiente com maior amplitude, envolvendo educação, cidadania, cultura, recursos naturais e desenvolvimento sustentável, a Ação Griô abrange todos esses aspectos de forma lúdica e fundada nas tradições orais de nossas raízes. As escolas são sensibilizadas quanto à importância da inclusão dos saberes de tradição oral em suas grades curriculares, abrindo espaço para a chegada dos mestres e griôs. Estes são intermediados por um griô aprendiz, que cria a atmosfera ideal através de músicas, danças e expressões artísticas diversas. Assim, os saberes e fazeres de tradição oral são transmitidos e guardados na memória, deixando de desaparecer com a morte de seus mestres.

A ação inovadora baseia-se na transmissão dos saberes de tradição oral de forma natural e lúdica, estabelecendo vínculos entre as pessoas, ressaltando a importância desses saberes na construção da ancestralidade e da identidade brasileira e referenciando os mestres e griôs brasileiros. A ideia é ousada, pois propõe incorporar à esfera da educação, da política e da economia comunitária, a força e o poder da tradição oral.

Palavras-chave: Educação, Cultura, Política, Tradição Oral, Ação Griô

A Tradição Oral na Educação Formal Brasileira

O Ministério da Cultura lançou, em 2004, o Programa Cultura Viva, que recebeu 840 projetos inscritos já em seu primeiro edital, dentre eles o Grãos de Luz e Griô. O programa englobava quatro ações: Ponto de Cultura, Cultura Digital, Agente Cultura Viva e Escola Viva. Entretanto, o trabalho que a ONG Grãos de Luz e Griô propunha e realizava era diferente. Unia a tradição oral, a memória viva dos mestres e griôs e uma ruptura com os parâmetros educacionais formais, através de uma pedagogia própria. Logo, o Programa ganhou uma nova ação: A Ação Griô Nacional.

A Organização Não Governamental Grãos de Luz e Griô, localizada na cidade de Lençóis, Chapada Diamantina na Bahia, foca seus esforços na realização de oficinas que norteiam a construção da identidade e ancestralidade brasileira, com raízes indígenas e africanas. Baseadas na valorização, disseminação e inclusão dos saberes e fazeres de tradição oral, com a participação dos mestres e griôs locais, suas práticas vivenciais cultuam as tradições e a memória viva como elemento essencial na concepção do ser humano. Através da afetividade e da criação de vínculos com o outro e consigo mesmo, se fortalece a identidade e vislumbra-se melhorias na qualidade de vida, rompendo com o processo de transformação dos objetivos da vida pautados apenas no trabalho e no consumo.

A idéia inovadora do projeto foi a de mobilizar e sensibilizar a comunidade e o poder público local para a importância da inclusão destes saberes na educação formal de Lençóis. A partir de oficinas de identidade, arte, tradição oral e cidadania realizadas com crianças, adolescentes e jovens do Grãos de Luz e Griô, materiais didáticos são produzidos para a caminhada dos mestres e griôs locais. Estes mobilizam comunidades e escolas, e participam da elaboração de projetos pedagógicos que englobem arte, identidade, ciência e tradição oral no currículo de educação formal do município. Assim, a formação educacional das crianças como seres conscientes, que entendem suas origens e se enxergam dentro da cultura brasileira, ganha identidade e referência local, baseada nas tradições orais dos mais velhos, os mestres e griôs.

Mestres de tradição oral são doutores das ciências da vida. Reconhecidos em suas comunidades como detentores de saberes e fazeres únicos, com sabedoria e experiência de vida, os mestres são referências vivas. Possuem histórias de vidas de tradição oral fascinantes e a habilidade de ensinar ofícios e formar seres humanos melhores, com referências ao passado e a sua ancestralidade.

Griôs são aspirantes a mestres, geralmente iniciados por um mestre, mesmo que inconscientemente. Líderes de grupos culturais, são pessoas envolvidas com a cultura popular e a tradição oral e com facilidade de transmissão dos saberes através da palavra. São instrumentistas, contadores de histórias ou cantadores e possuem envolvimento profundo com as raízes de nossa cultura.

Os griots são genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares, mediador político, “dieli”, que na língua bamanan do Mali, noroeste da África, significa “sangue que circula”. Caminham de aldeia em aldeia aprendendo e ensinando a cultura. Eles às vezes são contratados por uma família nobre para pesquisar e contar sua história e genealogia, seus heróis e glórias. Eles podem, com suas histórias enfeitar ou alegrar, como os palhaços nos eventos de uma comunidade. Na tradição oral a palavra tem um poder e um significado bem diferente, é divina, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Dar o poder de brincar com as palavras (enfeitá-las e criar fantasias) para a tradição oral é algo polêmico entre os griôs e mestres. É um educador popular que aprende, ensina e se torna a memória viva da tradição oral. Ele é o sangue que faz circular os saberes e histórias, as lutas e glórias de seu povo, dando vida à rede de transmissão oral de uma região e de um país. A palavra abasileirada griô vem de griot em Francês, que traduz a palavra “dieli” na língua bamanan. Os Griots, para se formar, tem que viajar e caminhar sempre. Quanto mais viajar e caminhar, mais ouvirá e conhecerá. Na Amazônia, temos pessoas da cultura indígena que têm esse mesmo lugar social – o falador. É um conceito proposto pelo Grãos de Luz e Griô que vem complementar o conceito de Mestres dos Saberes tão utilizado no Brasil. O conceito de mestre nos remete ao sábio, ao curador, a iniciador das ciências da vida, das artes populares e dos ofícios artesanais, é diferente do Griô (PACHECO, 2006 e 2009). “O mestre é a raiz, o Griô é a sua rama”. (Mestre Dunga, Lençóis, BA, em PACHECO, 2009, p.5).

Outro elemento importante nesta didática é a figura do Griô Aprendiz. Com o perfil de caminhante, brincante, pesquisador e mobilizador social, o griô aprendiz abre espaço e cria uma atmosfera lúdica para a chegada dos mestres e griôs nas escolas. Romper com os padrões estéticos e quadrados do espaço escolar, com preconceitos individuais e um modelo educacional vigente há anos não é atividade fácil. O griô aprendiz vem desta realidade, porém dialoga entre os saberes de tradição oral e a educação formal, agindo como mediador dos mestres e griôs, assim como transmissor dos saberes e fazeres.

Num ambiente alegre e interativo, os saberes de tradição oral são transmitidos naturalmente, através de músicas, danças, histórias e mitos, transformando o espaço escolar num ambiente integrado e festivo, onde as pessoas se enxergam e criam vínculos umas com as outras. É o encontro de si mesmo com o outro com suas raízes e sua identidade cultural.

A Ação Griô Nacional: Mobilização pela educação

A Ação Griô Nacional é uma política de militância que busca resgatar e valorizar os saberes de tradição oral, propondo uma reformulação nas grades curriculares brasileiras, incluindo os saberes e fazeres de tradição oral. Além disso, busca-se um reconhecimento do valor social, cultural e econômico dos mestres e griôs brasileiros, através de uma bolsa de incentivo que garanta a transmissão de seus saberes e fazeres em diálogo com a educação formal.

Neste processo, o papel do Griô Aprendiz se faz fundamental para permear a entrada destes mestres e griôs nas escolas, e este também recebe uma bolsa para realizar tal trabalho. Como contrapartida, os mestres e griôs transmitem seus conhecimentos de forma lúdica e através da oralidade, nas escolas e espaços de educação, sempre mediados pelo griô aprendiz.

Antes de virar uma ação dentro do Programa Cultura Viva, o Grãos de Luz e Griô tornaram-se um Ponto de Cultura. Quando passam a integrar o programa como uma das ações culturais prioritárias, tornam-se um pontão de cultura, abrindo edital público para pontos de cultura e organizações não governamentais com projetos de tradição oral em todo território brasileiro. Assim, começou a ser formada a Rede da Ação Griô Nacional.

No primeiro edital em 2007, 50 projetos foram selecionados iniciando a rede da Ação Griô. Em 2009, esta se amplia com um novo edital, englobando mais estados e passando para 131 projetos em todo país, beneficiando 650 mestres e griôs brasileiros. A divisão inicial dos projetos em sete regionais permaneceu: Regional Bahia, com 21 projetos; Regional Ventre do Sol (estados de AL, PE, PB, SE e RN), com 24 projetos; Regional Nascentes das Veredas (estados do DF, ES, GO, MG, MT, MS), com 15 projetos; Regional das Águas (estados do CE, MA, TO, PI), com 22 projetos; Regional Amazônica (estados do PA, AM, RR, AC, RO), com 11 projetos; Regional Rio (RJ), com 14 projetos; Regional da Terra (estados do RS, SC, PR e SP), com 24 projetos.

Os primeiros 50 projetos eram coordenados pelo Pontão Ação Griô Nacional, em Lençóis. No entanto, a gestão da ação é feita de forma compartilhada e colaborativa, sempre com muitas vivências e rituais de vínculo. Com a ampliação da rede, a gestão continua compartilhada, porém descentralizada. As sete regionais preparam projetos de captação de recursos para realizar seus encontros, caminhadas, elaboração de materiais didáticos, frutos destas caminhadas, e formação de educadores dentro da pedagogia griô. O Ministério da Cultura responsabiliza-se pelo pagamento das bolsas de incentivo aos mestres, griôs e griôs aprendizes, enquanto as regionais encarregam-se de planejar e realizar a continuidade da ação.

Tendo a fundamentação teórica do projeto estruturada na pedagogia griô, a Ação Griô caminha costurando este imenso país com suas rodas, rituais de vínculo, brincadeiras, músicas, danças e muitas histórias. É a construção democrática de um novo modelo de educação no Brasil, baseado nas raízes que formam a identidade brasileira, partindo do povo para o povo.

A Pedagogia Griô

O modelo de ação pedagógica proposto pelo Grãos de Luz e Griô baseia-se nas vivências afetivas e culturais e nos rituais de vínculo e aprendizagem, que facilitam o diálogo entre todas as pessoas, independente de idade, origem ou religião. A idéia é interagir saberes ancestrais de tradição oral com as ciências formais, fortalecendo a identidade cultural e a celebração da vida como um momento único de se vincular com o outro (Pacheco, 2006).

Segundo Góis (1998), para quem a nossa crise não é de conhecimento, mas de percepção, a pedagogia griô propõe uma abertura ao convívio com o outro, aguçando percepções afetivas e dando maior sentido à vida através das tradições orais que nos permeiam e nos identificam como brasileiros.

Paulo Freire já alertava para o uso dos livros e cartilhas didáticas como instrumentos de transmissão do conhecimento. Segundo ele, estes mecanismos poderiam diminuir o diálogo e a interação dos educadores com seus educandos e a comunidade, na busca por temas geradores de percepções e opiniões. Na pedagogia griô, a prática do diálogo coletivo é constante e fundamenta-se na educação de tradição oral, que valoriza o poder da fala e da escuta como princípio básico de aprendizagem dos saberes.

A educação biocêntrica (Cavalcante, 2007), que fundamenta a pedagogia griô, constrói o conhecimento crítico através da conscientização quanto aos significados das falas, escutas e gestos por meio de palavras geradoras. A expressão no mundo se dá através do diálogo com o outro, propondo uma transformação da realidade tanto individual quanto social. Na pedagogia griô essa construção ocorre através da grande Roda da Vida e das Idades, onde circulam diálogos multisetoriais e intergeracionais, permeados por cantigas, danças, mitos e histórias de vida da comunidade e da tradição oral.

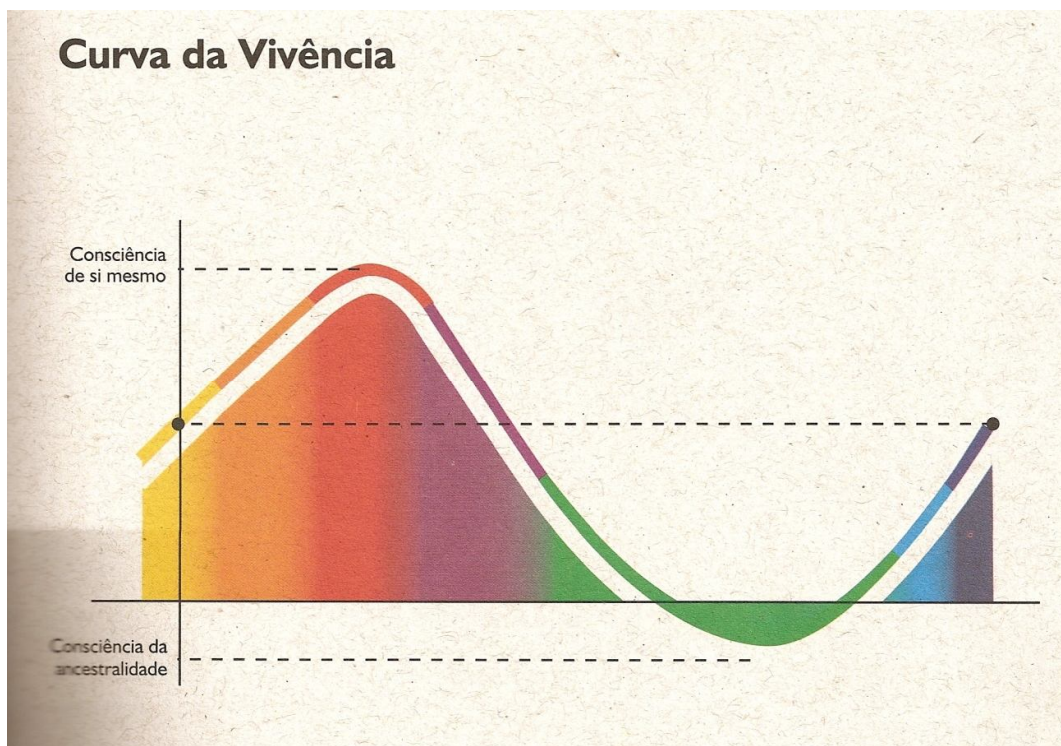
O modelo é vivenciado e sistematizado por meio de quatro estratégias de ação integradas em forma de rodas concêntricas. Cada estratégia de ação é direcionada a determinados setores sociais e idades, facilitando a criação das rodas.

- a) Rodas de Cooperativas e oficinas, com crianças adolescentes jovens e suas famílias;
- b) Roda da Caminhada do Velho Griô (griô aprendiz), com mestres, griôs e grupos culturais nas escolas e comunidades;
- c) Roda dos educadores que integram a tradição oral no currículo de educação municipal, com atores de todas as idades do sistema municipal de ensino;
- d) Roda da Vida e das Idades, com todos os participantes, em diálogo com parceiros dos três setores sociais, conselhos municipais, estaduais e federais, universidades, ONGs, projetos,

programas e políticas do país e do mundo. Se inspira na qualidade multisetorial, intergeracional, dançante e solidária das rodas das capoeiras, dos candomblés, das manifestações culturais indígenas, das tradições orais do noroeste da África e outras manifestações e organizações de tradição oral no Brasil.

Para chegar nessa Roda da Vida e das Idades, o ritual de vínculo e aprendizagem é o elemento norteador de todas as outras rodas. Nele há uma integração de cantigas, danças, símbolos, mitos, saberes, artes, ofícios, ciências da vida e da comunidade, entre outros, numa rede de palavras e temas geradores. A afetividade destes rituais busca o vínculo entre os seres humanos e a natureza, suas relações com as divindades, mistérios e histórias de vida. A intenção é facilitar o encantamento pela tradição oral e as ciências da vida, assim como fortalecer a identidade pessoal e local, conforme expressa o gráfico da curva de vivência, adiante.

Por fim, a vivência afetiva e cultural na pedagogia griô é o instante em que parecemos encontrar um sentido pleno para a vida, onde nutrimos um sentimento de pertencimento a esta cultura, orgulho de nossa ancestralidade e identidade local. Com esse reconhecimento, pretende-se estimular o cuidado com o outro e com o meio ambiente como um todo. As relações humanas possuem vital importância, no meio ambiente, onde nos identificamos culturalmente e nos enxergamos como seres conscientes e responsáveis. Se nos identificamos com o lugar ao qual pertencemos, percebemos a nossa função e o papel fundamental na manutenção e conservação de um meio ambiente saudável e sustentável para as futuras gerações.



(Pacheco, 2006 p. 93)

O ritual é orientado pelo gráfico da curva da vivência com o eixo vertical delimitado pela consciência de si mesmo, no limite superior, e na consciência da ancestralidade, no limite inferior, cujas cores representam os seguintes momentos:

Abertura: Cantinas, danças, palavras geradoras de caminhada e benção à comunidade;

Integração da roda: cantigas e danças rítmicas do trabalho, umbigadas, sambas de roda, quadrilhas.

Expressão da identidade no centro da roda: danças, jogo de versos;

Harmonização: cantigas e danças de ninar e embalar, cantigas melódicas de amor;

Contação de histórias e mitos em ambientes efetivos e míticos, facilitados pela reverência à escuta, à palavra geradora e ao diálogo de saberes

Expressão artística e artesanal: motiva pesquisas e vivências para a construção do conhecimento total por meio das artes e ofícios. Produzindo, apreciando, celebrando as expressões.

Despedida: registros e memórias do vivido; cantigas e danças de roda e caminhadas de despedida.

Referências Bibliográficas

AÇÃO GRIÔ. Programa Cultura Viva – Ministério da Cultura. www.cultura.gov.br

CAVALCANTE, Ruth (et all). Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica. Fortaleza: Edições CDH, 2007.

DOWBOR, Fátima Freire. Quem Educa Marca o Corpo do Outro. São Paulo: Cortez, 2007.

FREIRE, Paulo. 1967 Educação como Prática da Liberdade. Rio, Paz e Terra. 1969.

GÓIS, Cezar Wagner de L. Vivencia: caminho à identidade. Fortaleza:Viver, 1995.

PACHECO, Lílian. Pedagogia Griô. A Reinvenção da Roda da Vida. Grãos de Luz e Griô. Lençóis, BA, 2006.

PACHECO, Lílian & CAIRES, Márcio. Nação Griô. O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro. Grãos de Luz e Griô. Lençóis, BA, 2009.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.